

# **Recados para “Dear Mimmy” e encontro em família entre crianças israelenses e palestinas - Considerações em torno à infância na pós-modernidade**

*Messages to "Dear Mimmy" and family meeting between Israeli and Palestinian children - Considerations about childhood in postmodernity*

Fernanda Coutinho  
UFC

**Resumo:** O presente trabalho busca mostrar, através do *Diário de Zlata* (1994), de Zlata Filipović, e do documentário *Promessas de um novo mundo*, de Justine Shapiro e B. Z. Goldberg (2001) como a escrita e a fala de crianças situadas em conjunções históricas particulares, quando captadas pela sensibilidade artística, podem revelar um peso político significativo, ainda mais que a infância na atualidade desmente, ainda que não integralmente, sua original condição de personalidades sem voz.

**Palavras-chave:** infância, arte, política

**Abstract:** *This paper shows, through the works Diário de Zlata (1994), by Zlata Filipovic, and the documentary Promessas de um novo mundo, by Justine Shapiro and B. Z. Goldberg (2001), how the writing and the oral speech of children from particular social environments can reveal meaningful political power when captured by artistic sensitivity, besides the fact that childhood today denies, though not wholly, its original speechless condition.*

**Keywords:** *childhood, art, politics.*

“Quem pode gostar de guerra, desejar a guerra? Não há nada mais horrível. Fico pensando naquela passeata, em que eu também entrei. Era maior, mais forte que a guerra. É por isso que as pessoas vão vencer. Elas é que têm que vencer, não a guerra, porque a guerra não tem nada de humano. A guerra é uma coisa estranha ao ser humano.”

Zlata Filipović.

“Eu quero lhe conhecer e ouvir sua opinião porque estou interessado na sua opinião, mesmo que não seja igual a minha opinião.”

Yarko, garoto israelense para Faraj, garoto palestino.

Quando Zlata Filipović escreveu as palavras contidas nessa epígrafe, tinha apenas doze anos. De início, elas foram dirigidas a um destinatário especial: Mimmy, ou melhor, Dear Mimmy, o diário pessoal da garota, escrito de 02/09/91 a 17/10/93. Situando-se na esfera da subjetividade, mais que muitos outros gêneros textuais, o diário habitualmente acolhe um discurso de índole intimista. No caso de Zlata, a pequena cidadã da Bósnia – que se flagra em uma Sarajevo destruída por bombardeios das forças contrárias aos movimentos nacionalistas, que buscavam a separação da antiga Iugoslávia – algumas reflexões aí contidas ultrapassam as margens desse tipo de texto ligado à pessoalidade. Em outras palavras, através do singelo traçado de sua caligrafia, pode-se entrever quer o desenho de uma cartografia geo-política onde se esboçam conflitos étnico-sociais, quer posicionamentos de ordem ética embutidos na interpretação da guerra que ela fornece a seus leitores.

Já em *Promessas de um novo mundo*, filme com roteiro, produção e direção de Justine Shapiro e B. Z. Goldberg, lançado em 2001, tem-se uma mostra da guerra entre palestinos e israelenses vista pelos olhos de sete crianças. Colocado como uma espécie de página de abertura à narrativa fílmica, aparece o texto seguinte:

A 1ª Intifada, ou revolta palestina (1987- 1991) levou ao “Processo de Paz” palestino-israelense. No outono de 2000, uma nova Intifada teve início. As forças militares de Israel responderam com o uso da força e a região está submersa em violência em um grau sem precedentes. Este filme foi rodado entre 1997 e verão de 2000, um tempo de relativa paz entre palestinos e Israelenses.

De início, o filme apresenta os meninos atores/sujeitos da guerra que compõem uma miscelânea ímpar: Yarko e Daniel, garotos gêmeos, judeus seculares, Faraj, palestino habitante do Deheishe, acampamento de refugiados, Mahmoud, palestino, morador da Jerusalém oriental, Moishe, judeu religioso, Sholomo, judeu ortodoxo e a filha de um líder do Movimento de Libertação da Palestina, Sanabel, cujo nome, segundo ela mesma informa, se liga às idéias de generosidade e lealdade, significando o amor.

A conexão entre os garotos é feita por B.Z., maneira pela qual os meninos passam a chamar o jornalista judeu que os entrevista, e, embora, diga-se de passagem, haja divergências de pensamento entre os jovens “atores”, divergências verificadas não apenas no antagonismo das facções judaica e palestina, mas, dentro da primeira, entre grupos: o religioso, o ortodoxo e o

secular, houve a possibilidade do encontro entre as crianças, no lado oriental de Jerusalém, na parte palestina, portanto.

Se, no caso de Zlata, a guerra foi uma situação que invadiu repentinamente sua rotina, não se dá o mesmo com as personagens de *Promessas de um novo mundo*, que já nasceram mergulhados em dissensões atávicas de seus povos. Como veículo do pensamento de Zlata, o diário consegue mostrar uma criança em elucubrações consigo mesma, e dessas elucubrações apreende-se uma forte agudeza de percepção com relação ao real. O documentário, por sua vez, faz soar um conjunto de vozes infantis que repercutem o mesmo aturdimento: por que não tentar o diálogo entre os povos, apesar das diferenças, se ele é o único meio de se atingir a paz?

A proposta do presente ensaio é verificar de que maneira a escrita autobiográfica de Zlata, que toma como veio principal a questão da guerra face ao impedimento do direito de viver a própria infância, pode ser útil à reflexão sobre o sentido atual dessa idade nos tempos pós-modernos. Em suplemento, pretende-se verificar ainda como a diversidade étnico-religiosa é lida por um grupo de crianças, de orientações religiosas várias.

Com a ajuda dessas duas obras, intenta-se assinalar a capacidade da linguagem artística de fazer deslizar, por entre as malhas do tecido textual, algo que faça o leitor meditar sobre o componente ético subjacente às falas que rompem o silêncio, metamorfoseando-o em ressonâncias que atingem sensivelmente a reflexão do receptor desses discursos.

No alto da primeira página do diário de Zlata vê-se a data: 2 de setembro de 1991. Uma segunda-feira. Tudo parecia normal. Um começo de semana que abria também o começo de um novo ano escolar e a vida seguiria sem atropelos: “Estou contente, a gente vai poder falar outra vez da escola e dividir nossas pequenas desgraças e grandes alegrias. Mirna, Bojana, Marijana, Ivana, Maša, Azra, Mirela, Nadža – estamos de novo todas juntas.” (1994, p. 19)

Os segredos partilhados por Zlata e Mimmy poderiam ter continuado a ser exatamente isso: segredos entre uma menina comum e seu diário, espécie de bichinho de estimação ou espécie de *alter ego* da criança se se preferir. Nesse caso deve-se dizer que Mimmy, o nome escolhido para o diário, foi uma homenagem a um seu peixinho de estimação que morrera. A intenção da escrita não ultrapassava os limites da vida privada. As conversas partilhadas, no entanto, tornaram-se cada vez mais densas e tensas em função do desenrolar de uma guerra, predatória em todos os sentidos, inclusive no de eliminar das crianças o direito à fruição da infância. A UNICEF foi um agente ativo no palco da guerra e entendeu ser oportuno ter um retrato do confronto captado pelo olhar infantil. Daí a publicação, das conversas de Zlata com

Mimmy, a princípio em servo-croata. Depois o texto obteve tradução no mundo todo: a edição brasileira, por exemplo, já conta com quinze reimpressões. Para além do efeito da globalização, responsável pela informação em cadeia - todos nós vivenciamos um pouco o cotidiano dos habitantes da Bósnia, naquele momento - o que justifica o interesse pela divulgação do trabalho, na confiante expectativa de um êxito editorial, resta dizer que se esse diário é um *best-seller* hoje, isso se deve, sem dúvida, a uma nova compreensão vigente na atualidade acerca da criança. Vale dizer: ao reconhecimento da autoridade do discurso infantil, com destaque para alguns nichos culturais, como é o caso da linguagem artística.

Já o filme em discussão confere às crianças a oportunidade de compartilhar temas e problemas com os donos do poder, ou seja, os dirigentes das grandes potências mundiais. Esse é mais um indício de que a pós-modernidade acolhe o discurso infantil como significativo e dessa forma encurta-se a distância entre mundos que por muito tempo foram considerados antipodais, tais como o adulto e o infantil.

O livro de Zlata e o filme sobre crianças judias e palestinas permitem reavaliar o critério da idade como um elemento aferidor de prestígio no universo das interações. Sabe-se que historicamente a voz das pessoas idosas parece estar recoberta pela noção de experiência, na medida em que cabe a elas conduzir os saberes de cada povo rumo ao futuro. Benjamin (1994) possui criterioso estudo que revela essa condição do idoso no papel de condutor dos mitos concernentes ao repositório sagrado das famílias. Por outro lado, é possível invocar a figura dos adultos em situações mais próximas de nosso tempo. Se se pensar nos valores da civilização burguesa, não é difícil escutar a voz cheia de autoridade do chefe de família, quer ele seja o pai ou a mãe. De qualquer maneira, será a « lei do pai » a que vigora.

Uma relativização do problema fica por conta de Minois (1999, p. 148) que, discorrendo sobre a história da velhice no Ocidente, desvincula do velho o atributo da sabedoria, relacionando-a primordialmente a um parâmetro de conduta, independentemente do aspecto da idade. Assim, recorre à compreensão da sapiência bíblica para assinalar o fato de “Gregório o grande, falando acerca de São Bento, ter declarado que no santo ‘desde a infância o coração era o de um velho’.”

Apesar da condição mítica, de *puer senex*, aí atribuída a São Bento, não são muito freqüentes as referências positivas com relação à idade infantil. Dados considerados relevantes na construção da infância como categoria histórica podem esclarecer essa visada, já a partir de Platão (1990, p. 1402-1403) que, no Livro VII de *As Leis*, pinta um retrato bastante desfavorável do ser

infantil: “Dentre todos os animais, o mais difícil de manejar é a criança; devido à mesma excelência desta fonte de razão que há nela, e que está ainda por disciplinar, ressalta ser uma criatura ríspida, astuta e a mais insolente de todas.”

Prosseguindo na trilha que vai recolhendo imagens acerca da puerícia, pode-se acrescentar que também Aristóteles enxergava a criança sob o signo da imperfeição, pelo fato de ela não ser apta a reproduzir ações características do mundo adulto. Em sua avaliação, a criança “é assimilada ao animal e à mulher, declarada incapaz e aproximada do escravo”. (BECCHI, 1998, p. 61, t.1). A decorrência imediata do pensamento de ambos os filósofos é o rigor excessivo da postura de Santo Agostinho sobre a questão. E o que pensar acerca do estatuto da infância no século XVII, se por esse tempo, ainda podiam ser ouvidas sentenças como: “é o estado mais vil e abjeto da natureza humana, depois da morte”, sentença essa enunciada por Bérulle, um religioso francês. (apud HEYWOOD, 2004, p. 21)

Em contrapartida, é correta a afirmação de que, a partir do século XVIII, reforça-se uma visão destoante de grande parte das anteriores, sendo a criança tomada como modelo de agudeza de espírito e até capaz, de certa maneira, de superar o adulto na capacidade de apreensão do mundo, aspecto encarecido pela doutrina do Romantismo alemão. Sabe-se que a compreensão dessa escola de poesia/filosofia acerca da criança foi bastante positiva, tendo resultado, inclusive, na associação ao mundo infantil do *topos* do *puer ut poeta*, cuja decifração corresponde ao próprio *modus operandi* do imaginário pueril. Quando Jean-Paul afirma, em *Levana*, serem as crianças os únicos indivíduos que “podem entrever o futuro através do cristal mágico”, o escritor alemão acena para o entendimento romântico da criança como alguém dotado da capacidade de vislumbrar mundos, por meio da força da imaginação, e, assim, solidifica a similitude desta com a figura do artista. *Levana* é um tratado pedagógico, que, diferentemente de tantos, inverte os termos habituais de uma proposição canônica, ao afirmar: “A vida suscita a vida, e, melhor que todos os educadores, as crianças educam os educadores.” (apud BECCHI, 1998, p. 152, t.2) Aliás, a tomada de posição desses poetas/pensadores repercute o pensamento pré-romântico advindo de Rousseau. Sabe-se que esse filósofo encarecia a primeira fase da vida como um período que deveria ser fruído em sua inteireza, daí ser recorrente ao longo do *Emílio* a orientação sobre a necessidade de dar à infância o tempo de amadurecer. Renaut (2002, p. 283), comentando o posicionamento rousseauiano sobre o ser infantil, observa que, para o filósofo, «il nous faut traiter l'enfant proprement comme un *alter ego*, c'est-à-dire assurément, comme un moi ou comme une subjectivité, mais comme un moi autre que nous, dont l'altérité reside précisément dans

l'accomplissement du devenir-humain »<sup>1</sup>. O estudioso ressalta em Rousseau o cultivo da diferença como algo positivo capaz de levar à complementaridade.

Retomando a premissa de que a noção de infância foi construída historicamente, importa ressaltar que a valorização da criança tem uma estreita correlação com a conquista de um espaço nitidamente delimitado, onde ela possa se instalar e demarcar fronteiras no que tange à “invasão” dos adultos. Assim é que se pode dizer que, do período medieval até a modernidade, a criança veio paulatinamente afastando-se da quase promiscuidade que reinava no ambiente doméstico da Idade Média até o século XVIII. Seria o caso de pensar na situação da França desse século, onde de acordo com Darnton (1986, p. 45-47):

os bebês eram, algumas vezes, sufocados por seus pais na cama – um acidente bastante comum, a julgar pelos editos episcopais proibindo os pais de dormirem com seus filhos que não tivessem ainda chegado ao primeiro aniversário. Famílias inteiras se apinhavam em uma ou duas camas e se cercavam de animais domésticos, para se manterem aquecidos.

Assim as crianças se tornavam observadoras participantes das atividades sexuais de seus pais. É Darnton ainda quem constata a ausência de preocupação com o resguardo da sensibilidade infantil, uma vez que a vida inóspita da época, com suas guerras, pestes e elevada mortandade, era repassada à criança por meio de relatos extremamente crus e realistas. As próprias histórias da tradição eram narradas aos meninos com todos os seus ingredientes de violência e de terror.

Na verdade, o direito a um espaço como destinatário especial de um tipo de narrativa demoraria ainda algum tempo a chegar. A rigor, somente no século XIX, com Hans-Christian Andersen isso passa a acontecer, na medida em que o escritor dinamarquês tinha uma dimensão exata acerca do *corpus* literário em que lhe caberia trabalhar: a literatura infantil. Seus contos simulam um diálogo com a criança, ou seja, funcionam como conversas entre um escritor que não se sobrepõe a seus interlocutores: conversas ao pé do ouvido entre iguais, portanto. Além disso, essas narrativas são escritas de forma a estimular vivamente a imaginação dos pequenos por meio dos ingredientes do maravilhoso. A par disso, não se pode esquecer de que, já havia muito tempo, histórias de encantamento circulavam na tradição dos povos, repletas de todos os

---

<sup>1</sup> “é necessário que tratemos a criança propriamente como um *alter ego*, quer dizer, seguramente, como um eu ou como uma subjetividade, mas como um eu diferente de nós, cuja alteridade reside precisamente no aperfeiçoamento do devir-humano”. (Tradução nossa)

condimentos da fantasia: príncipes e princesas, fadas, bichos tagarelas, objetos mágicos e muitas, muitas provas para os heróis vencerem. Nessa fonte de sortilégios diversos autores aplacaram sua sede de inspiração. Foi este o caso de Perrault, Madame Leprince de Beaumont, Jacob e Wilhelm Grimm, dentre outros, os quais alimentaram o imaginário de adultos e de crianças, indistintamente, com enredos e personagens inesquecíveis. Andersen, porém, reconhece sutilezas na figura da criança e modula a linguagem de seus contos ao fantasioso universo dos pequenos, direcionando, assim, para eles todo o seu poder de seduzir com a palavra.

Do ponto de vista de uma “documentação do eu”, a criança igualmente leva mais tempo para impor-se como assunto de gêneros textuais ligados à memória, em suma, o vasto e fluido terreno da autobiografia vai acolher tardiamente os relatos envolvendo as sagas infantis. Uma prova disso é que se alguém folhear um relato de memórias do século XVI, por exemplo, em busca das lembranças infantis de um autor, muito provavelmente será em vão, pelo simples fato de que essas informações eram consideradas de menor importância, numa época em que a própria noção de infância não tinha um estatuto bem definido do ponto de vista cultural.

As *Confissões* de Rousseau, publicadas após sua morte, é que vão alterar o modelo autobiográfico vigente pelo fato de se desvencilharem da História, preferindo se concentrar na epopéia pessoal do memorialista. Sua epopéia se inicia *ab ovo*, uma vez que, ao rememorar sua própria infância, capta os momentos em que experimentou suas primeiras descobertas do mundo.

Como tal, por outro viés, Rousseau, mais uma vez, sinaliza para a significação da infância como uma etapa formadora da experiência existencial. Lahouati (1999, p. 173) reproduz o pensamento de Philippe Lejeune acerca da incursão autobiográfica de Rousseau nas *Confissões*, lembrando que, para o filósofo, a valorização do indivíduo desvencilha-se do parâmetro genealógico, relacionando-se primordialmente a sua “histoire personnelle et surtout par ses expériences d’enfance et d’adolescence”<sup>2</sup>.

O século XIX consegue abrigar uma nova forma de valorização da infância: a criança agora passa a ocupar o espaço textual na condição de personagem fictícia, em obras destinadas ao público adulto, que tinha assim uma oportunidade de frequentar, pela via da imaginação, o mundo pueril. É, de fato, uma tendência inovadora, uma vez que, durante “o período moderno na Inglaterra, as crianças estiveram bastante ausentes da literatura, fossem o drama elizabetano ou

---

<sup>2</sup> “história pessoal e sobretudo por suas experiências da infância e da adolescência.” (Tradução nossa)

grandes romances do século XVIII. A criança era, no máximo, uma figura marginal.” (HEYWOOD, 2004, p.10)

Uma modalidade romanesca que valorizou bastante o personagem infantil, nos séculos XIX e XX, foi a do romance de educação (*Bildungsroman*), assim definida, de maneira sintética, por Burgelin (1997, p. 656) “On a employé le terme de roman d’éducation (*Bildungsroman*) pour désigner tous les récits qui décrivent les péripéties qui connaît un héros dans son apprentissage du monde et qui montrent les leçons qui en sont tirées.”<sup>3</sup> Os protagonistas dessas histórias poderiam ser enquadrados em uma categoria específica: a da criança como um ser sofredor. Sofredor, principalmente, por não poder atinar com os motivos que levam a família, a escola ou outras instâncias sociais a proceder com menosprezo com relação a elas. Razões de ordem histórica justificam a concentração de textos dessa natureza à época do romantismo, período de intensa vocação reivindicatória, mas em momentos subsequentes a intenção reformadora do realismo também orientou-se por igual diapasão. Seria o caso de se falar nos heróis de Charles Dickens: David Copperfield e Oliver Twist, em Cosette, de Victor Hugo, no Petit Chose de Alphonse Daudet, no Poil de Carotte, de Jules Renard, e nos protagonistas de obras como *Sans Famille*, de Hector Mallot e *L’Enfant*, de Jules Vallès, dentre outras.

A infância, como objeto de reflexão teórica, recebeu um forte incremento no século XX, principalmente devido à Nova História, que resolveu “adotar” o assunto, como área de seu interesse, a exemplo do que fez com muitos outros considerados de pouco valor pela chamada História tradicional. Como lembra Burke (1992, p. 12), a História tradicional “oferece uma visão de cima, no sentido de que tem se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens: estadistas, generais, ou ocasionalmente eclesiásticos.” O que se percebe é que, agora uma nova angulação faz com que essa disciplina se desvie da tendência monumentalista, e os acontecimentos, antes tão encarecidos: guerras, catástrofes, sucessões de tronos, passam a significar “não mais que a espuma nas ondas do mar da história”, como afirmou Fernand Braudel (apud BURKE, 1992, p. 12).

No que tange à infância um nome é destacável: Philippe Ariès, “um historiador de domingo”, como ele se autodenominava. Coube-lhe, primeiramente, a tarefa de mostrar variadas facetas da criança, de acordo com a mutabilidade das circunstâncias de tempo e de espaço. Sua *História social da criança e da família* (1960) tornou-se uma preciosa referência sobre o assunto,

---

<sup>3</sup> “Empregamos o termo romance de educação (*Bildungsroman*) para designar todos os relatos que descrevem as peripécias que conhece um herói em sua aprendizagem do mundo e que mostram as lições que daí são tiradas.” (Tradução nossa)

embora, de lá para cá, muitas refutações tenham aparecido envolvendo suas ponderações. Para Ariès, o sintagma “sentimento da infância” vale como um marcador de tempos, colocando em dimensões opostas duas formas de realidade social: na primeira, vigora a semelhança entre o mundo infantil e o adulto, enquanto, na última, a criança começa a ter visibilidade cultural. O historiador aponta as cercanias do século XVII como o momento em que a expressão “ser criança” já podia ser ouvida sem conotação de *nonsense*. Em outras palavras, era o lento princípio de uma percepção mais refinada sobre a idade pueril: a criança passava a ser considerada como um valor em si mesma e não unicamente como uma projeção do adulto que deveria ser uma dia.

Pode-se dizer que a sensibilidade de Ariès, de certa maneira, captou o movimento empreendido pela arte, que, desde os primórdios da civilização ocidental, vem tecendo um amplo painel em que estão presentes inúmeras figurações de crianças, exibidas no espaço familiar, na escola, entregues às brincadeiras, em grupos ou em companhia unicamente de sua imaginação. Alegres, sombrios ou cismarentos, realistas ou alegóricos, esses retratos dão-nos a todos lições de história cultural, em outras palavras, são formas de interpretação do pensamento adulto sobre as crianças e delas próprias sobre si mesmas e o mundo que as rodeia.

Vimos desenvolvendo a idéia de que a criança ao longo do tempo superou situações de falta de identidade, relacionadas à existência de um não-lugar por ela habitado, não-lugar em muitos casos relacionado a uma precariedade de enunciação. A modernidade, contudo, conferiu-lhe um novo *status* pelo viés de uma ocupação topográfica como já foi aqui assinalado. Quer-se com isso dizer que a particularização do universo infantil, resultado de um somatório de conquistas asseguradas no decorrer do tempo, garantiu-lhe uma dissociação do mundo adulto, em outras palavras, favoreceu-lhe o exercício da alteridade.

Postman (2005, p. 18), contudo, defende o pensamento de que a pós-modernidade trouxe consigo uma indistinção entre crianças e adultos. “Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos – mesmo a aparência física – de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis.”

De uma forma abreviada, seria possível afirmar que, confundida com a figura do adulto no período anterior à modernidade, a criança vai adquirir um perfil mais delineado do ponto de vista da individualização, no período moderno. Entretanto, é pertinente observar que o reconhecimento do ser infantil não se deu de forma efetiva em muitas situações. Seria o caso de retomar a observação de Becchi (1998, p. 13)

En fait, nous ne saisissons l'enfance qu'à travers le prisme que nous en ont laissé à chaque période de l'histoire les adultes (législateurs, pédagogues, écrivains, peintres, parents, autobiographes – se remémorant leur propre passé, etc.) et c'est à travers ces traces *indirectes* que nous devons tenter de reconstruire ce qu'ont pu être les enfances des époques révolues.<sup>4</sup>

Em suma, mesmo a modernidade não conseguiu tirar da criança a condição de *in-fans*, quer dizer, o que não fala. Se sua voz torna-se audível, em determinadas ocasiões, repercute, porém, matizada pelos ecos das leituras de mundo do adulto. Postman, em seu ensaio, defende a idéia de um encurtamento temporal para a vivência da meninice, pela indistinção de hábitos entre os sujeitos sociais crianças e adultos, observação endossada pelo presente ensaio. De alguma maneira, esse dado bruto em si poderia sugerir uma espécie de *revival* dos tempos de antigamente, tempos em que a imagem da criança se confundia com a de um “pequeno adulto”, para usar a expressão cara a Ariès. Na verdade, sabe-se que a mobilidade própria da História dificilmente acolheria esse padrão de cristalização no que concerne aos comportamentos culturais. Contrariamente a isso, é pertinente assinalar que a pós-modernidade faculta à criança um lugar de reivindicação do exercício de sua cidadania, o que corresponde à criação de um questionamento acerca de uma ética que presida às interações adulto-criança. Essa é uma percepção que se explicita em uma nova convenção de comportamento no cotidiano, e às vezes é transplantada para o código artístico, onde ressalta em um tom maior dado à voz da criança.

É o caso, por exemplo, de Zlata, a Anne Frank de Sarajevo, que tem seu diário selecionado para publicação pela UNICEF, uma instituição internacional que se propõe a zelar pelo bem-estar da criança, funcionando como um fórum de discussão de seus problemas. Um outro aspecto significativo da questão é a modalidade de recepção que o livro teve. A palavra da criança é tomada como um depoimento consistente e não como se seu diário fosse um mero álbum de curiosidades, afirmações trêfegas ditas por uma menina. Acrescente-se que a edição brasileira contém fac-símile de seis páginas do diário, destacando-se nele, além da exploração do arranjo semiótico da caligrafia, a colagem de figuras coloridas – expressão de ludicidade, apesar do cinzento que por vezes permeia o relato. Outro componente da ilustração são os retratos familiares, espécie de crônica visual da trajetória de Zlata da meninice à adolescência.

---

<sup>4</sup> “De fato, nós só apreendemos a infância através do prisma que dela nos deixaram em cada período da história os adultos (legisladores, pedagogos, escritores, pintores, pais, autobiógrafos rememorando-se de seu próprio passado, etc.) e é através desses traços *indiretos* que devemos tentar reconstruir o que podem ter sido as infâncias das épocas passadas.” (Tradução nossa)

No que tange à escrita de diários, vale recordar com Lecarme (1999, p. 243) que « pendant longtemps, le journal personnel, loin de viser à la publication, se vouait au secret et excluait l'idée de divulgation ou de communication »<sup>5</sup>. Ainda segundo Lecarme, os anos 1880 assinalaram um deslocamento desse tipo de produção do âmbito privado para o público, citando a título de exemplificação os diários de Stendhal, Benjamin Constant e Amiel. Como registros de experiência da escrita de diários por parte de adolescentes são paradigmáticos os casos de Marie Bashkirtseff (1860-1884) e de Anne Frank. A primeira, que se tornará famosa como escritora e pintora, cultivará, desde os treze anos até sua morte, o hábito da escrita pessoal, tendo o início de seu diário um cunho mais intimista, uma vez que antecede a entrada da autora em um circuito de intensa sociabilidade. Num segundo momento, é dessa vida cosmopolita em vários centros europeus, onde pode conviver com os grandes nomes das artes desse tempo, que a escritora russa se porta-voz.

Já Anneliese Marie Frank (1929-1945) teve a circunstância da guerra e da perseguição nazista contra os judeus como entorno ao texto que produziu e que se tornou famoso, um *uber best-seller* no gênero. Anne Frank inicia uma conversação regular com Kitty, uma amiga imaginária, a partir do conclamação do ministro Bolkesteijn, que visava reunir, após a guerra, uma coleção de diários e cartas que testemunhassem a vida sob a sombria atmosfera do *front*. Lejeune (1998, p. 333), que faz minucioso estudo sobre a construção do diário dessa adolescente, relembra ter ela recebido, ao completar 13 anos, no dia 12 de junho de 1942, dentre outros presentes de aniversário, um “‘album de poésie’ à couverture à carreaux rouges et blancs, sur lequel elle commence à tenir son journal.”<sup>6</sup> A leitura do diário de Anne Frank vai além do rastreamento da percepção de uma adolescente face à dureza do fardo existencial. A narrativa revela uma situação de amadurecimento forçado em companhia do medo, o que não impede que aqui e ali possam se entremear esparsas fagulhas de esperança do desembarque das tropas aliadas. Apesar da tensão do relato, demonstrada inclusive pelos questionamentos sobre que tipo de ética sustenta a guerra e o anti-semitismo, a força da voz da adolescente, enquanto elaboração de um pensar problematizador, é abafada por um evento de insuplantável proporção do ponto de vista de uma postura humanista: sua prisão pela Gestapo e conseqüente morte.

---

<sup>5</sup> “durante muito tempo, o diário pessoal, longe de visar à publicação, destinava-se ao segredo e excluía a idéia de divulgação ou de comunicação” (Tradução nossa)

<sup>6</sup> “álbum de poesia de capa quadriculada vermelha e branca, sobre o qual ela começa a escrever seu diário.” (Tradução nossa)

Em um cotejo entre a condição das duas garotas, Anne e Zlata, pode-se (felizmente!) dizer que, no caso da última, nenhum fato tragicamente bombástico como a morte, por exemplo, teria servido de estímulo à publicação e à grande divulgação da obra. Isso reforça, então, a hipótese com que se trabalha neste ensaio: a de que na pós-modernidade têm surgido clareiras por onde penetra o sopro revigorante da fala infantil com seus códigos bem particulares de decifração do mundo. Um outro ponto assinalável é o de que, por ocasião da 2ª guerra, a idéia era fazer uma coleta o mais ampla possível do impacto do confronto na vida das pessoas de qualquer idade, impacto registrado através dos espasmos de sua sensibilidade, nas páginas de diários e em papéis de carta.

No prefácio ao diário da garota bósnia, o jornalista Leão Serva, que esteve no palco dos combates, chega a escrever:

Zlata se adapta às condições da guerra. No Natal de 1992, ela passeia pela cidade e vê pela primeira vez alguns antigos pontos de referência, agora destruídos. Ela descreve a jornada como uma criança de outro país falando de um domingo no parque. Qual é o segredo de seu ânimo inesgotável? É o mistério que o leitor deve perseguir. Não só ao longo do livro ou enquanto durar a guerra da Bósnia, mas como uma possível chave para uma vida mais feliz.

A partir das palavras do prefaciador e ao longo da leitura do livro depreende-se que o discurso de Zlata desconstrói a equação criança = aprendiz – entendendo-se a palavra aprendiz como negativamente conotada do ponto de vista semântico – pois não só contém lições de uma sabedoria “de experiências feitas”, como também representa uma fórmula de sobrevivência para as situações de luto, condição intrínseca ao indivíduo, em todos os tipos de guerra a suportar. O leitor do diário acompanha o percurso da guerra e o percurso do envolvimento da criança com os fatos. É certo que aí está presente uma viva consciência acerca dos acontecimentos, mas uma das características de seu texto é não resvalar para a vitimização pura e simples, tentando, pelo contrário, compreender o momento político para em seguida poder intervir na realidade. E que melhor fórmula de intervenção que essa leitura sutil do mundo a qual permeia as páginas de “Dear Mimmy”?

Contudo, são muitas as perdas a contabilizar. Aqui cabe uma referência ao aspecto semiótico do texto, onde é freqüente a colocação de expressões e frases em caixa alta, denotando o aumento da voltagem psicológica da narrativa: UM DIA PAVOROSO. IMPOSSÍVEL DE ESQUECER. QUE HORROR! QUE HORROR! (1994, p. 62) Na conversa com Mimmy,

datada de 15/03/1993, lê-se o que se segue: “Não há mais árvores que a primavera desperta, não há mais pássaros, a guerra destruiu tudo. (...) Não há gritaria de criança, não há mais brincadeiras. As crianças não parecem mais crianças. Tiraram a infância delas, e sem infância não há crianças.” (1994, p. 67) Essa é uma passagem que se torna mais contundente ainda por discrepar bastante da atmosfera idílica do *avant-guerre*, como se lê no registro de 13 de outubro de 1991: “Que bela estação é o outono! Na verdade todas as estações têm seus encantos, só que na cidade eu não me dou conta disso. Só desfruto a natureza e sua beleza em Crnotina. Lá a natureza tem um cheiro bom, me acaricia, me chama para me embalar em seus braços.”

Como já foi assinalado, esse é um diário que aponta para uma consciência de cidadania na criança pós-moderna, que se auto-determina como agente da História. É o que se pode verificar, por meio das anotações de 5 de março de 1992. Aí Zlata faz referência a Zdravko Grebo, professor da Faculdade de Direito de Sarajevo e diretor da estação de rádio independente ZID, que afirmara “que a história estava sendo escrita”, observação que dias depois encontra ressonância no protesto da criança contra a atitude de pseudo-proteção da família: “Papai e mamãe não querem que eu assista o noticiário na televisão, mas não podem esconder da gente, das crianças, todos os horrores que estão acontecendo.”

Na capa da edição brasileira de “Dear Mimmy”, feita por Hélio de Almeida, a partir de fotos de Alessandra Boulat, tem-se uma montagem em que Zlata conversa com um soldado da força de paz da ONU, embora entre os dois haja as frias farpas de uma cerca de arame. A montagem sugere um retrato rasgado, seccionando em dois blocos as figuras da menina e do soldado. O espaço em branco entre as duas imagens denota uma zona de silêncio. O diário da menina faz esmaecer, porém, esse vácuo, na medida em que desencadeia reverberações do conflito despertando o sentido de uma nova ética entre os povos.

As crianças israelenses e palestinas, por sua vez, também revelam um pensamento que foge à intolerância, pelo menos os meninos do grupo reunido pelos cineastas. É bem verdade que Moishe, o garoto judeu religioso que, no filme anuncia pretender ser comandante-em-chefe religioso quando crescer, chegou a afirmar: “Se eu pudesse escrever o futuro, todos os árabes sumiriam da face da Terra.”

De um modo geral, no entanto, predomina uma atmosfera de aceitação entre eles, embora venham de muito longe os germes da discórdia. Além de conseguirem viver o dia de seu encontro com a descontração de um feriado, em que os pés descalços, a espontaneidade das brincadeiras, as alegres conversas sobre almofadas dão o tom amistoso, é possível pensar junto

com eles acerca de problemas que também desembocam no ético. Como exemplo, a frase de um dos gêmeos judeus: “Não é justo os árabes serem revistados em sua própria terra”, referindo-se ao *makson*, posto de fiscalização na entrada da Jerusalém oriental.

As crianças nos ensinam a relativização do pensamento como uma saída para a sobrevivência dos povos, inclusive do ponto de vista de uma ética interpessoal, do contrário de que adiantaria, permanecer na Terra, numa busca, obcecada do si mesmo, sem o “si mesmo” abrigar o sentido reconfortante da outridade?

Essa a lição das crianças. Ainda bem que, de alguma maneira, vivemos tempos menos intolerantes para que entre o som de risos e da feliz algazarra pueril para possa haver espaço para essas sábias ponderações. Com a leitura de *O Diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*, e a interpretação da linguagem fílmica de *Promessas de um novo mundo* viu-se de que modo a linguagem estética, mais especificamente a literatura e o cinema, traduzem essas novas formas de cidadania cultural, levando-nos a nos re-situar diante das con-tradições ditadas pelo critério etário, em um mundo que se re-configura continuamente.

## Referências

ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BECCHI, Egle et JULIA, Dominique (Dir.). *Histoire de l'enfance en Occident : de l'Antiquité au XVIIe siècle*. Traduit par Jean-Pierre Bardos. Paris : Seuil, 1998. Tome 1.

\_\_\_\_\_. (Dir.). *Histoire de l'enfance en Occident : de l'Antiquité au XVIIe siècle*. Traduit par Jean-Pierre Bardos. Paris : Seuil, 1998. Tome 2.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURGELIN, Claude. “Roman d'éducation”. In: ABIRACHED, Robert *et al.* *Dictionnaire des genres et notions littéraires*. Paris: Albin Michel, 1997.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FILIPOVIĆ, Zlata. *O Diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Tradução de Antonio de Macedo Soares e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HEYWOOD, Colin. *Uma História da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHOUATI, Gérard. « L'invention de l'enfance : le statut du souvenir d'enfance dans quelques autobiographies du XVIIIe siècle ». In: BERRIOT-SALVADORE, Évelyne et PEBAY-CLOTTE, Isabelle. *Autour de l'enfance*. Biarritz: Atlantica, 1999.

LECARME, Jacques. « Journaux et carnets » In: LECARME, Jacques et LECARME-TABONE, Éliane. *L'Autobiographie*. Paris: Armand Colin, 1999.

LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

MINOIS, George. *História da velhice no Ocidente: da Antiguidade ao Renascimento*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1999.

PLATÓN. *Obras completas*. Tradução del griego Maria Araújo *et al.* Madrid: Aguilar, 1990:.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da infância*. Tradução de José Laurenio de Melo e Suzana C. Menescal. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RENAUT, Alain. *La libération des enfants: Contribution philosophique à une histoire de l'enfance*. Paris: Calmann-Lévy, 2002.

**Fernanda Coutinho**

---

Professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC. Líder do Grupo de Pesquisa Infância e Interculturalidade – UFC-CNPq. Autora de *O menino é pai do homem: Representações da infância na Literatura*. (Edições Makunaíma, 2012) e *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry* (Edições BNB, 2012).

*Recebido em 30 de dezembro de 2013.*

*Aceito em 20 de fevereiro de 2014.*